

DOS PRIMÓRDIOS ÀS REDES SOCIAIS – REFLEXÕES EM TORNO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

Ilana Teixeira Bonfim Meira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
ilanateixeirabm@gmail.com

Lucas Campos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
camposacademico@gmail.com

Resumo: A questão da diversidade linguística está presente na história da humanidade desde seus primórdios. Apresentamos a idéia de que diversidade contribui com a dinamização do processo comunicativo do ser humano. Para não nos escandalizarmos, nem adotarmos atitudes preconceituosas, precisamos estar abertos a novas formas de linguagem que emergem no dia a dia. Os emojis podem ser considerados uma nova forma de linguagem, já que expressam sentimentos, opiniões e ideias por meio de pictogramas (figuras ilustrativas) e isso foi referendado pelo Dicionário Oxford, quando considerou um emoji como a palavra do ano de 2015. Esse é um assunto que recai diretamente nas salas de aula, pois o professor de línguas convive com estudantes que sempre trazem consigo formas inovadoras de comunicação. Nesse artigo buscamos expor como os emotions se configuram como uma realidade no processo comunicativo atual. Assim sendo, devem ser encarados como novo recurso para a língua e não como algo que a coloca em risco.

Palavras-chave: Emojis. Diversidade linguística. História da língua.

Introdução

“Word of the Year 2015 🤔”. A palavra do ano de 2015 🤔 (tradução nossa). Essa informação foi divulgada pelo Dicionário Oxford, que é uma publicação da Universidade de Oxford, em 17 de novembro de 2015.

Segunda década do Século XXI, podemos nos deparar com essa situação, que há pouco tempo poderia parecer ser inconcebível, visto que quando nos referimos a palavras pensamos automaticamente na grafia ou som. Essas incrementações no nosso vocabulário têm causado preocupação a pais e educadores, pois há um temor de que a utilização da língua nessas dimensões

possa vir a comprometer a integridade do idioma, no entanto essa inquietação pode ser considerada infundada, pois não é em todas as situações que essas formas podem ser livremente utilizadas. Em meio a comunicações formais ainda é requerido que seja utilizada a norma culta. Essa norma, ensinada na escola garante que o estudante tenha acesso às várias formas de se comunicar, seja oralmente, seja por escrito, seja em situações formais ou informais. Essa questão nos motivou a construir este trabalho que consiste em uma ponderação sobre a diversidade de uso da língua no âmbito social, inclusive no que diz respeito à condução de aulas de língua portuguesa. Nosso objetivo é indicar que nos diversos momentos da história da humanidade, sempre alguma concepção linguística esteve em voga e esse fato pode não ter afetado prejudicialmente o transcurso da comunicação humana e não ter estagnado língua alguma. Pelo contrário, de certo, essa diversidade contribui com a dinamização do processo comunicativo do ser humano, em todo e qualquer idioma.

Lançamos mão de um trabalho de exploração bibliográfica, que nos possibilitou um levantamento de informações sobre diversos momentos de análise da linguagem humana. Esperamos que, por uma lado, este artigo possa contribuir com o processo ensino-aprendizagem e de reflexão em torno de fenômenos linguísticos e, por outro lado, possa se tornar um instrumento esclarecedor capaz de arrefecer o preconceito linguístico, além de promover uma visão de alteridade social a partir da língua.

Para desenvolver uma reflexão entre mudanças linguísticas, desenvolvimento social e ensino sistemático de língua, é de bom alvitre compreender como a Linguística, ciência que possibilita esse estudo, se consolidou como um campo amplo e norteador de tantas pesquisas.

O conceito de língua e linguagem permeia os pensamentos de todo estudioso da Linguística, pois esse é o ponto de partida para qualquer estudo que se pretenda fazer na área e essa, por mais que pareça, não representa uma tarefa fácil. O início dessa discussão está intimamente ligado à evolução do homem, pois para fazermos uma melhor ideia da importância da língua na vida, precisamos empreender um levantamento desde os tempos mais remotos.

A história do surgimento da linguagem

No documentário “The origins of Language” é possível perceber uma série de estudos que foram desenvolvidos no sentido de tentar identificar quando o homem começou a se expressar por meio da língua. Segundo informações veiculadas no vídeo, o aparelho fonador dos macacos é muito semelhante ao nosso, mas o fato de os macacos não falarem não está ligado ao seu aparelho de fonação, mais sim à sua inabilidade de associar gestos com sons e significados, ou seja, a linguagem não é uma questão anatômica, já que as conexões cerebrais se desenvolvem de acordo com o convívio social e isso é próprio do homem. De acordo com o documentário, a produção, do sistema gestual antecede a habilidade de desenvolvimento da linguagem. Em virtude disso, a mímica como forma de contar uma história tornou-se um recurso limitado, o que favoreceu o desenvolvimento da fala.

Podemos, assim, considerar que a fala pode ter sido antecedente da habilidade de comunicação oral entre os seres humanos, mas com a ressalva de que a espécie sempre contou com o potencial de comunicação verbal, pois o homem pré-histórico tinha no grito uma das suas mais eficientes formas desse tipo de expressão. Em situações variadas, o grito exprimia diferentes sentimentos e objetivos como ordenar, expressar dor física ou sentimental, trocar experiências, se integrar e até transmitir conhecimento. Com a evolução, esse grito foi sendo aperfeiçoado e transformado em fala, então não era mais necessário gritar em todas as situações. O homem, aos poucos, começou a perceber que as informações podiam ser trocadas através de outro formato de comunicação.

Para os estoicos¹ o homem nasce como uma *tábula rasa*, que deve ser preenchida com as experiências, a língua, nessa vertente, seria a forma de expressar essas experiências e pensamentos e a voz seria o meio pelo qual isso deveria acontecer, o veículo. No documentário em evidência, linguistas entrevistados, como Chomsky, por exemplo, consideram que “o homem é um ser social porque ele é um ser falante” e, com isso “a linguagem está intrinsecamente ligada à formação das

¹ Pessoas adeptas ao estoicismo. Filosofia surgida na Grécia Antiga, que pregava que o universo era regido por uma lei natural divina e racional, considerando que as emoções influenciavam o homem de maneira negativa.

redes sociais”. Considerando que a língua foi originada dessa necessidade de o homem se comunicar, podemos afirmar que, antes de aprender a norma culta da sua língua, a criança já sabe se expressar através da linguagem oral. No entanto, como afirma Mattos e Silva (2002, p. 12), os gregos, por volta do Séc. III a. C. sentiram a necessidade de estabelecer “a seleção de uma variedade como a melhor de uma língua”. Estavam assim lançadas as bases do que hoje conhecemos como Gramática Tradicional, sobre a qual passamos a discorrer brevemente.

A gramática tradicional ou normativa

Com base em Mattos e Silva (2002, p. 12), no mundo ocidental, as reflexões filosóficas e sociais sobre a língua tiveram origem com Platão e Aristóteles ao tratarem de questões sobre a origem da língua e a buscar se ligação entre o significado da palavra e sua forma. Nessa trajetória, Aristóteles propôs as “categorias de pensamento”, possibilitando o que conhecemos hoje como classes de palavras. Os filósofos que estudavam a língua eram considerados como naturalistas, aqueles que acreditavam na naturalidade da relação entre o significado da palavra e sua forma, e os convencionalistas, que consideravam existir uma relação de convenção entre o significado e a forma. Mais tarde, surgiu uma disputa entre analogistas e anomalistas. Nessa contenda, as analogias eram referentes à regularidade, enquanto as anomalias representavam as irregularidades da língua, o grego, no caso.

A autora indica que as primeiras gramáticas foram escritas pelos alexandrinos, com o objetivo de tornar os textos de Homero acessíveis e preservar o grego clássico para que o mesmo não fosse “corrompido”, daí surgiu a noção de certo e errado na língua. Vários dos conceitos existentes nas gramáticas atuais são decorrentes dos que foram apresentados na gramática grega.

Dando um salto para a gramática do século XIX, organizada por Vicente R. da Costa Soares, podemos considerar que a gramática estabelece como se deve exprimir os pensamentos de uma maneira que atenda às regras bem estabelecidas e respeitando o bom uso da língua. Diante disso, é possível identificar que a gramática tradicional já nasceu sendo prescritiva e normativa, tendo como parâmetro a língua utilizada por um determinado grupo que, geralmente, é o que

exerce autoridade, as classes dominantes. Observando o percurso histórico da origem da gramática é possível perceber que

“[...] essa gramática procurou estabelecer as regras, consideradas as melhores, para a língua escrita, com base no uso que dela faziam aqueles que a sociedade considerava e considera os seus mais ‘bem acabados’ usuários, os chamados ‘grandes escritores’, tanto poetas, quanto pensadores” (MATTOS E SILVA, 2002, p. 12).

Essa afirmação pode referendar o que é posto quando se fala que “a gramática tradicional, que preferimos denominar de normativa, estabelece regras de um predeterminado modelo ou padrão da língua, para aqueles que já dominam outras variantes dessa língua e também algumas regras daquela variante que é a padrão” (MATTOS E SILVA, 2002, p. 12), ou seja, o uso considerado correto da língua, aquele que atende o que prega a norma estabelecida na gramática, é valorizado e associado às classes privilegiadas da sociedade, sendo vistos como inferiores ou incorretos aqueles que fogem ao padrão instituído.

A autora assinala que a gramática tradicional reforça o ‘dialeto da elite’, utilizado pela classe dominante e o seu ensino silencia os outros usos. Isso já era percebido no Sânscrito, que era chamada pelos antigos como “a língua dos deuses”, usada por eruditos e sacerdotes, era a língua da Índia antiga e da filosofia védica, sendo a língua considerada perfeita, na qual a interpretação deve ser exatamente o que se pretende expressar, para isso o falante e o ouvinte devem compreender perfeitamente a gramática e a sintaxe sânscritas.

Panini compilou as regras do Sânscrito em um livro sobre a gramática sânscrita, com o objetivo de organizar os elementos da fala, já que até mesmo a língua perfeita passou por uma tradição vocal para, posteriormente, ser colocada na forma escrita. Quando falamos em Sânscrito, pensamos logo em uma língua que inspira a perfeição formal, isso demonstra que a língua, utilizada como instrumento de poder e segregação, pode favorecer a um determinado grupo social em relação à maioria, dando um ar de nobreza e superioridade àqueles que dominam tal conhecimento. Há, ainda hoje, aqueles que defendem a gramática prescritiva como norma idealizada e tradicional e outros que acreditam ser necessário “criar condições para que a voz, a palavra, os discursos diversos, diferentes daquele, tenham a sua vez” (MATTOS E SILVA, 2002, p. 14).

Traços do Sânscrito estão presentes em todas as línguas faladas pelo mundo (ancestral comum de várias línguas), segundo Dasa (2017, p. 1), isso pode ser devido ao fato de, por algum, tempo o Sânscrito tenha sido a única língua falada no mundo, ou a principal entre elas ou, ainda ao fato de falantes da língua a terem levado a diversas partes, fazendo com que a mesma influenciasse várias outras. Essa influência deixa claro que, por mais pura que aspiremos a uma língua “pura”, todo e qualquer idioma sempre estará exposto a relações humanas e sujeito a mudanças e adequações dos falantes seus falantes, em função das suas necessidades comunicativas. Com foco nessa premissa, surge a ciência denominada Linguística, que tem como objetivo “o estudo científico que visa descrever ou explicar a linguagem verbal humana” (ORLANDI, 2009, p. 9).

A linguística e o processo de reflexão sobre a língua

O interesse da ciência da linguagem (a Linguística) não está focado em estudar a Gramática normativa, mas em investigar, levantar e interpretar como se dá o funcionamento da língua. Nesse sentido, Petter afirma “a Linguística não se compara ao estudo tradicional da gramática, ao observar a língua em uso o linguista procura descrever e explicar os fatos” (PETTER, 2008, p. 17). A autora destaca que “abordar a língua exclusivamente sob uma perspectiva normativa contribui para gerar uma série de falsos conceitos e até preconceitos, que vêm sendo desmistificados pela Linguística” (PETTER, 2008, p. 20).

Podemos apontar como precursoras da ciência da linguagem, as gramáticas gerais, que, desenvolvidas no século XVII eram diretamente influenciadas pelo racionalismo, baseadas em princípios racionais e lógicos, tendo como regra que a linguagem é a representação do pensamento e que todas as línguas obedecem a uma mesma lógica. Esse segmento têm como ícone a Gramática de Port-Royal, também conhecida como Gramática geral e da razão (ou racional).

No séc. XVIII, Willian Jones apresentou um estudo no qual destacava as semelhanças entre o sânscrito, o latim e o grego, além do germânico e do persa, hipotetizando que esses idiomas têm uma mesma origem, o Indo-Europeu, tese que foi reforçada por F. Schlegel, autor que deu origem aos estudos comparatistas na Alemanha. Em 1816, F. Boop desenvolveu a comparação

sistemática entre essas línguas, consolidando, assim, o método comparativo, que estabeleceu e existência de parentesco entre as línguas. Com isso, estavam lançadas as bases da gramática comparada, período em que as mudanças linguísticas começaram a ganhar importância dentro dos estudos da linguagem e as transformações baseadas em regularidades determinavam os estudos. Com esses estudos, foi possível estabelecer que a língua passa por mudanças, regidas por uma regularidades e não de maneira aleatória nem tampouco desordenada.

Em meados do século XIX, Schleicher, influenciado pelas teorias evolucionistas de Darwin, considerou a língua como um organismo vivo, que existe independente de seus falantes. Foi ele também quem fez o primeiro estudo de uma língua a partir da fala e não de textos escritos, o que representou um ponto importante para a metodologia dos estudos linguísticos. Na sucessão desses estudos, surgiu o movimento dos neogramáticos, na última metade do século XIX, que rompeu com diversos conceitos sobre o estudo da Linguística. Em 1878, Hermann Osthoff e Karl Brugmann publicaram a revista *Morphologischen Untersuchungen* (Investigações Morfológicas), que teve o prefácio caracterizado como o manifesto neogramático, no qual os autores indicam que a língua tem que ser estudada junto a seu falante, já que a mesma existe no indivíduo e é a partir dele que ela sofre mudanças. Os autores destacam que existe uma regularidade da mudança sonora. Os neogramáticos estabeleceram um rigor metodológico que foi muito importante para o desenvolvimento da Linguística e nomes como Karl Verner, que considerou as mudanças sonoras como absolutas, Hermann Paul, que negou a possibilidade de uma linguística que não fosse histórica, e Wilhelm Meyer-Lübke, com a elaboração de um dicionário etimológico, que, ainda hoje, é usado como fonte de pesquisa das línguas românicas.

O conceito de lei fonética, estabelecido pelos neogramáticos para justificar as mudanças ocorridas na língua, foi o principal ponto de questionamento de outras correntes em relação ao movimento, por se tratar de um princípio que não admitia exceções e pregava que as mudanças na língua se espalhavam por uma comunidade de maneira uniforme. Os críticos a essa corrente consideravam que “[...] a realidade da mudança é mais complexa do que sugeria a formulação dos neogramáticos. Mais complexa, porque tem a ver com o contexto concreto em que a língua é falada, contexto este que de forma alguma é uniforme e homogêneo” (FARACO, 2005, p. 151). Hugo Schuchardt foi um dos principais críticos aos neogramáticos. Com uma concepção subjetiva

da língua, na qual o falante individual é a referência, ou seja, precede o todo, ele destacou a grande variedade da fala existente em uma mesma comunidade, considerando que os contextos cultural e social influenciam na variedade e na mudança de uma língua. Outro crítico importante aos neogramáticos foi Antonie Meillet, que considerava a língua como uma instituição social, definindo que as condições sociais influenciam decisivamente a língua e suas mudanças, já que, para ele, a língua é um fato social.

Apesar dos críticos, os neogramáticos também tiveram adeptos, como Georg Wenker, que aceitava a questão da regularidade das mudanças e da uniformidade da distribuição, considerando que uma mudança atingia de maneira uniforme uma comunidade. Wenker foi um dos pioneiros nos estudos da dialetologia, no fim do século XIX, que representa uma perspectiva de estudos da língua baseada na ocupação de um determinado espaço geográfico, considerando os dialetos, que são variedades de uma língua dentro de uma área. Os estudos iniciais da dialetologia não confirmaram o que pregavam os neogramáticos, já que não foi constatada uma fronteira entre os grupos dialetais, mas sim áreas de transição nas quais diferentes dialetos eram utilizados. Esse “[...] levantamento das diferentes variedades geográficas duma língua revelou uma realidade linguística muito mais complexa e heterogênea do que costumavam supor os linguistas” (FARACO, 2005, p. 182) e isso não tira da dialetologia a sua relevância enquanto estudo da língua, já que ela representou uma “[...] importante contribuição para os estudos linguísticos em geral e para o estudo da história das línguas em particular” (FARACO, 2005, p. 182).

A linguística no século XX

Na sequência de desenvolvimento da ciência da linguagem, as anotações de aulas do suíço Ferdinand de Saussure, publicadas no livro Curso de Linguística Geral (1916), representam um marco para a compreensão da Linguística enquanto ciência moderna. É com Saussure que a Linguística ganha o seu real objeto de estudo, a língua, que é considerada por ele como um sistema de signos, sendo que signo é a associação entre o significante (imagem acústica) e o significado (conceito). Saussure também estabelece a diferença entre língua e fala, considerando

que a língua é social e homogênea, não variando de um falante para o outro, já a fala, ele considera como sendo individual e heterogênea, podendo sofrer interferências externas.

Com isso, ele elege apenas a língua como seu objeto de estudo, excluindo a fala de suas observações. Para possibilitar o estudo científico da língua, Saussure propõe pares que ficaram conhecidos como dicotomias. Entre as dicotomias estabelecidas por Saussure estão os conceitos de sincronia e diacronia, em que sincronia representa o estudo de uma língua ou fato linguístico em um determinado contexto histórico, e diacronia esse estudo na sucessão do tempo.

Saussure elege a sincronia para compor uma das bases dos seus estudos linguísticos, além de considerar que a mudança altera apenas um elemento isolado do sistema, o que é chamado por FARACO (2005), como uma visão atomista. Mais tarde, a forma de abordagem da língua proposta por Saussure ficou conhecida como Estruturalismo, segmento que tem como base “[...] um conjunto de diferentes elaborações teóricas que compartilham uma concepção imanentista da linguagem verbal (isto é, a linguagem assumida como um objeto autônomo, definido por relações puramente linguísticas, internas)” (FARACO, 2005, p. 155).

Entre as décadas de 20 e 30 do Séc. XX, alguns linguistas se reuniram no que ficou conhecido como Círculo de Praga. Esses estudiosos defendiam que os estudos diacrônicos não excluem a noção de sistema e que para a realização desses estudos era essencial tomar como base o sistema afetado pela mudança em questão. Em 1920, Jakobson propôs o princípio da abordagem sistêmica da diacronia, onde, segundo Faraco (2005, p. 158), “cada unidade fonológica no interior de um dado sistema deve ser analisada nas suas relações com todas as outras unidades do sistema antes e depois da mudança fônica sob análise” (apud JAKOBSON, 1964, p.316). Essa perspectiva sistêmica da dinâmica da mudança foi amplamente discutida por André Martinet, que indicou os pontos de desequilíbrio existentes no sistema linguístico como circunstâncias que favorecem as mudanças na língua, considerando que essas mudanças podem ser de natureza funcional ou estrutural. O estruturalismo colaborou sobremaneira para os estudos da Linguística com a “[...] a introdução da exigência de que qualquer mudança deve ser sempre analisada não isoladamente, atomisticamente, mas sistematicamente, isto é, situando-a em suas relações com outros elementos da língua, seja antes, durante ou depois da mudança” (FARACO, 2005, p. 162-163). A crítica

atribuída a essa corrente de pensamento é o fato de que ela reduz a questão da mudança a algo imanente, pensando em uma língua autônoma, sem correlação com as questões socioculturais.

Na década de 50 do Séc. XX, a Linguística, passou por mais um momento de ruptura nas suas tendências, quando Noam Chomsky desenvolveu a linguística gerativista que teve como base a busca da gramática universal, ou seja, um modelo de gramática que dotado de regras e princípios que, aplicados em determinadas condições, possibilitam a elaboração de infinitas composições frasais. Para Chomsky (1994, p. 5), a língua é inata ao ser humano, ele explica isso indicando que as crianças são expostas a poucos e caóticos dados do idioma da sua comunidade, no período de aquisição da linguagem e, em pouco tempo, são capazes de dominar as estruturas básicas da língua. Essa é uma visão racional e fundamentalmente biológica, que indica que todas as possibilidades da língua já estão no cérebro do falante.

A partir da década de 60, entra em voga os princípios da Sociolinguística, corrente que tem como base pressupostos determinantes da variação linguística, como idade, grau de escolaridade, situação econômica, sexo e etnia, além de identificar que formas variantes da língua podem ser utilizadas por uma mesma pessoa, dependendo do contexto no qual o falante se encontre.

Um dos ícones dessa corrente de pensamento é William Labov, autor que - em 1963, desenvolveu uma pesquisa na qual averiguou que as formas variantes são determinadas por questões sociais. Em 1968, Weinreich, Labov e Herzog publicaram um texto, proveniente da apresentação em um simpósio sobre linguística histórica, no qual apresentam os fundamentos empíricos que norteiam os estudos da mudança linguística, considerando que as línguas são heterogêneas.

Com a exposição desse breve percurso das teorias de abordagem sobre a língua, tivemos o objetivo de ilustrar que, em cada momento da humanidade a língua é, predominantemente encarada sob algum ponto de vista. Assim sendo, o escopo da Sociolinguística, corrente teórica vigente na atualidade, nos permite reconhecer e valorizar a variação de linguagem em pauta neste momento.

Versatilidade da abordagem linguística no século XXI

No início deste artigo foi apresentado o emoji , que foi eleito como a palavra do ano de 2015, pelo Dicionário Oxford, uma publicação da conceituada universidade britânica de Oxford. Podemos não reconhecer um emoji como uma palavra, mas sua apresentação por um dicionário dessa envergadura nos faz refletir sobre o conceito que temos de palavra e sobre as mudanças que o mundo atual traz para o conceito de língua.

O professor de línguas, na atualidade, não tem como se esquivar desse tipo de discussão, pois os alunos levam para a sala de aula toda a sua vivência externa a esse ambiente e isso pode e deve ser utilizado a favor do aprendizado, já que "educar é provocar mudanças ou criar condições para que elas aconteçam" (BARCELOS, 2007, p.110).

A linguagem usada através da internet, seja por meio das redes sociais ou de aplicativos, já faz parte do nosso dia a dia e por mais que queiramos manter a utilização da norma culta, em diversos momentos, nos vemos na necessidade de decodificar mensagens enviadas por meio de diversos recursos, incluindo os emoticons - sinais que representam uma informação, como  e



É preciso reconhecer, compreender e refletir a língua que falamos e perceber que ela não está hermeticamente fechada, considerando que o léxico muda e se amplia a cada dia. Essa é uma realidade presente nas salas de aula, considerando a escola enquanto espaço democrático e heterogêneo. O aluno traz consigo toda uma bagagem que merece ser valorizada e utilizada para o processo de ensino-aprendizagem

[...] é preciso que a escola assuma que a língua portuguesa é diversa e se fundamenta nos processos de mudança sociais, econômicos, políticos. Nesse sentido, é fundamental que a escola e todos que dela fazem parte contribuam para a aceitação da diversidade linguística e do respeito às suas mais diferentes formas de expressão (OLIVEIRA, 2016, p. 298).

A língua é utilizada em diversas situações e com múltiplas finalidades e o falante deve ter consciência dessa multiplicidade de possibilidades do uso da língua. A norma culta, como é ensinada nos espaços escolares, é sim importantíssima, pois possibilita o conhecimento e domínio de um padrão a ser seguido e é requisitada de cada um de nós em diferentes situações, mas as

outras formas não podem ser ignoradas. Utilizando o exemplo aqui citado dos emojis, é importante que o indivíduo também tenha conhecimento de outras formas de expressão, pois ele, enquanto cidadão do mundo, tem o direito de ter a seu dispor toda gama de conhecimentos possível e fazer uso quando e considerar necessário.

Considerações finais

Reiteramos que a trajetória histórica da ciência da linguagem levantada neste artigo nos permite entrever que as discussões sobre língua e linguagem permeiam o cotidiano da humanidade desde tempos remotos. Julgamos ser importante um superficial conhecimento das tendências de abordagem sobre a língua em diversos momentos da história humana para compreendermos que a utilização de emotions e emojis pode ser cientificamente respaldada. Esperamos que essa abordagem venha a contribuir para a compreensão de como as concepções de língua vêm mudando com o tempo e como é importante analisarmos a língua em cada uma das suas possibilidades, a fim de evitarmos atitudes preconceituosas, como fruto de ignorância.

Referências

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 7, n. 2, 2007, p. 109 a 138.

CHOMSKY, NOAM. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Trad. Anabela Gonçalves; Ana Tereza Alves, coord. Inês Duarte. Lisboa: Caminho, 1994 [1986].

DASA, Sri Nandanandana. *Sânscrito: Uma Introdução à Sua História e Grandiosidade*. Disponível em: <https://voltaaosupremo.com/artigos/artigos/sanscrito-uma-introducao-a-sua-historia-e-grandiosidade/>. Acesso em 12 de maio de 2017.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GURPILHARES, Marlene. *As bases filosóficas da gramática normativa: uma abordagem histórica*. Disponível em: <http://publicacoes.fatea.br/index.php/janus/article/viewFile/10/9>. Acesso em 9 de maio de 2017.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Tradição gramatical e gramática tradicional. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Luís Carlos de. A abordagem sociolinguística no ensino de Português. Caletrosκόpio - Revista do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto, volume 4, n. Especial. 2016. Disponível em:
<http://www.ichs2.ufop.br/caletroscoPIO/revista/index.php/caletroscoPIO/article/view/139/86>.
Acesso em 22 de agosto de 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. O que é Linguística. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: Fiorin, José Luiz (Org.). Introdução à Linguística: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2008.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

The origins of Language. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZSpehz_u1WA .
Acesso em 15 de maio de 2017.

Word of the year 2015. Disponível em:
<https://www.oxforddictionaries.com/press/news/2016/9/2/WOTY> . Acesso em 19 de agosto de 2017.